

EDUARDO MONDLANE DESCREVE O AMBIENTE SOCIAL DA SUA INFÂNCIA

— a sociedade moçambicana nos anos 30

As comemorações de quinze anos sobre a morte de Eduardo Mondlane, vítima de um assassinato terrorista em Dar-es-Salaam enquanto Presidente da FRELIMO, aspectos da sua vida e da sua personalidade são evocados não só na nossa informação mas também na imprensa estrangeira.

A coincidência da estada entre nós do intelectual africano, natural de Angola e hoje radicado em Cabo Verde, Mário de Andrade, com o Dia Nacional dos Heróis, 3 de Fevereiro, contribuiu para que fosse divulgado um pouco mais da personalidade intelectual do pri-

meiro entre os heróis moçambicanos: Eduardo Mondlane. São palavras de Mário de Andrade, em entrevista publicada a semana passada pelo Diário de Moçambique, e a propósito do movimento de reafirmação dos estudantes das antigas colónias portuguesas na Europa, nos anos 50: — Mondlane... ele não era um intelectual do nosso tipo. Africano já ele era. Não passou pelas escolas assimilacionistas portuguesas. Mondlane viveu menos essa necessidade de reafirmação. Aconteceu historicamente. Mondlane estava predestinado para dirigir.

A justiça destas palavras é confirmada por oito cartas de Mondlane que o investigador português Ilídio Rocha publicou com comentários na revista portuguesa «História».

As cartas reportam-se à infância de Eduardo Mondlane, mas foram escritas quando ele tinha 26 anos. Estava nessa altura em Lausana, na Suíça, para onde tinha ido recompor-se de um esgotamento, antes de retomar os seus estudos.

As festas rituais da família de Eduardo Mondlane, mas foram escritas quando ele tinha 26 anos. Estava nessa altura em Lausana, na Suíça, para onde tinha ido recompor-se de um esgotamento, antes de retomar os seus estudos.

Como filhos do chefe (chefe regente) é natural que se considerassem príncipes. Uma coisa sobre eles é que não trabalhavam muito em pequenos. Entre nós, qualquer trabalho pesado em casa

cinco filhos, sendo três meninas e dois rapazes. Da segunda foram somente três meninas e da minha mãe foram seis filhos (dois morreram em crianças), sendo três meninas e dois rapazes. Entre nós, filhos do mesmo pai são irmãos tenham eles a mesma mãe ou não. De modo que me não há-de considerar errado se eu utilizar o termo irmão para qualquer deles.

Como filhos do chefe (chefe regente) é natural que se considerassem príncipes. Uma coisa sobre eles é que não trabalhavam muito em pequenos. Entre nós, qualquer trabalho pesado em casa

Este coro é cantado pela multidão quando as festas acabam e a gente se dispersa. Os velhos dizem que era cantado durante a retirada depois de uma vitória na guerra. É o coro da vitória.

A primeira linha é cantada por uma pessoa e a multidão a acompanha no «Hoji hoji» (10) A ENTRADA NA ESCOLA RUDIMENTAR

Na carta de que se seguem extractos, Mondlane relata a sua experiência na escola rudimentar — já tinha frequentado uma escola de missão, onde durante um ano teve o primeiro contacto com as letras, mas apenas na língua — e nos deixa um precioso documento do que significava em termos de opressão, de corrupção e de incapacidade, esse simulacro de escolas para os «indígenas». Foi dessa escola que fugiu, não porque quisesse deixar de aprender, mas exactamente pelo contrário. Dessa fuga nasceu o contacto com a escola da Missão Suíça, com os resultados de que já se falou. Escreve Mondlane.

Durante o tempo da minha introdução ao professor quase que toda a sala se encontrava silenciosa. Todos os olhos se tinham tornado para mim. O professor me entregou aos cuidados do seu ajudante e, como lhe tivéssemos dito que era da família Mondlane, instruiu-o que me tratasse com mais candura do que aos outros. Isto aprendi dos meus colegas de classe alguns dias depois, quando tiveram de sofrer um castigo que eu não sofri.

Recomeçaram as lições e com elas o barulho dos «alfabetistas» (11). O ajudante, depois de ter descoberto que eu podia ler o alfabeto, foi-me pôr no lugar das que começavam a ler «leitura de principiantes» (...)

Enquanto fomos ouvi um tumulto no fundo da classe, e, ao olhar vi o ajudante batendo nos alunos da sua classe com uma vara longa. Parece que ele tinha visto alguns deles brincando entre si e, não querendo se machucar por investigar nos poucos alunos, tomou a sua vara e correu com todos os alunos da classe, usando toda a sua força; enquanto alguns deles tentavam esconder-se debaixo das longas mesas que serviam de carteiras.

Os dias que se seguiram a este não foram nem mais nem menos importantes. O professor era como um administrador na escola (12). Sempre que queria falar aos alunos exprimia-se em português e o seu intérprete transmitia as suas palavras aos primeiros em changana.

A RUSGA Meus amigos me tinham falado do que eles chamavam «rusga» que posto em linguagem simples signifi-

ficava «caça aos novatos». A coisa era na verdade rusga. Nas dias da «rusga» os pastores sofriam grandemente. Era usualmente nas quintas-feiras, nesse dia não havia escola, mas desde que os alunos chegassem na escola o professor os dividia em grupos de pouco mais ou menos duas dezenas cada. Quando no dia anterior saíamos da escola ninguém suspeitava que no dia seguinte iríamos à caça de novos alunos (...).

ficava «caça aos novatos». A coisa era na verdade rusga. Nas dias da «rusga» os pastores sofriam grandemente. Era usualmente nas quintas-feiras, nesse dia não havia escola, mas desde que os alunos chegassem na escola o professor os dividia em grupos de pouco mais ou menos duas dezenas cada. Quando no dia anterior saíamos da escola ninguém suspeitava que no dia seguinte iríamos à caça de novos alunos (...).

Fomos instruídos que fôssemos apanhar os pastores que não tivessem gado bovino e rapazes que não queriam vir à escola. (...) Rapazes que frequentam escolas de «evangelistas» deviam ser também apanhados (13). Qualquer rapaz que tentasse resistir devia ser severamente castigado batendo-o por meio de «intswika» (ramos de arbustos delicados e verdes) (...).

Não me lembro do número de novatos que trazíamos nesse dia, mas eram muitos. Chegámos um pouco depois da chegada de um dos grupos; e eu soube disto porque, ao aproximarmos-nos da casa da escola, ouvi gritos de um rapaz que estava sendo batido. Quando perguntei porque eram batidos, disseram-me que eram os «fugitivos» que sofriam o seu castigo. Ao entrarmos com os nossos novatos encontramos todos os membros do grupo que nos antecedeu já sentados e seus novatos em pé a um canto da sala da escola. O professor estava sentado a uma cadeira (servindo de juiz) enquanto o seu ajudante tinha na sua mão direita uma palmatória. O rapaz que acabara de «receber feijões quentes nas mãos» estava enxugando os seus olhos com as mangas curtas da sua camisa em trapos enquanto tentava soprar nas mãos.

No momento o professor continuava com as suas perguntas aos novatos: «Seu nome» — «Vito ra-

para estas festas, mas os mais importantes e mais conhecidos são dois e são os seguintes: Congregaçãol Congregaçãodos Dzovos Congregaçãodos Cambanensesl Havemos de nos reunir rto dia De sacrificios.

Não é correcta a tradução porque não encontro palavras exactas. Este coro é cantado no começo das festas. É especialmente para chamar gente, como as palavras bem o indicam.

Toda a letra sem música (do segundo coro citado): Khambanyani tekani mablhari hi-yakaya

Hojil hojil hojil hojil hojil hojil Hojil hojil hojil

Este coro é cantado pela multidão quando as festas acabam e a gente se dispersa. Os velhos dizem que era cantado durante a retirada depois de uma vitória na guerra. É o coro da vitória.

A primeira linha é cantada por uma pessoa e a multidão a acompanha no «Hoji hoji» (10) A ENTRADA NA ESCOLA RUDIMENTAR

Na carta de que se seguem extractos, Mondlane relata a sua experiência na escola rudimentar — já tinha frequentado uma escola de missão, onde durante um ano teve o primeiro contacto com as letras, mas apenas na língua — e nos deixa um precioso documento do que significava em termos de opressão, de corrupção e de incapacidade, esse simulacro de escolas para os «indígenas». Foi dessa escola que fugiu, não porque quisesse deixar de aprender, mas exactamente pelo contrário. Dessa fuga nasceu o contacto com a escola da Missão Suíça, com os resultados de que já se falou. Escreve Mondlane.

Durante o tempo da minha introdução ao professor quase que toda a sala se encontrava silenciosa. Todos os olhos se tinham tornado para mim. O professor me entregou aos cuidados do seu ajudante e, como lhe tivéssemos dito que era da família Mondlane, instruiu-o que me tratasse com mais candura do que aos outros. Isto aprendi dos meus colegas de classe alguns dias depois, quando tiveram de sofrer um castigo que eu não sofri.

Recomeçaram as lições e com elas o barulho dos «alfabetistas» (11). O ajudante, depois de ter descoberto que eu podia ler o alfabeto, foi-me pôr no lugar das que começavam a ler «leitura de principiantes» (...)

Enquanto fomos ouvi um tumulto no fundo da classe, e, ao olhar vi o ajudante batendo nos alunos da sua classe com uma vara longa. Parece que ele tinha visto alguns deles brincando entre si e, não querendo se machucar por investigar nos poucos alunos, tomou a sua vara e correu com todos os alunos da classe, usando toda a sua força; enquanto alguns deles tentavam esconder-se debaixo das longas mesas que serviam de carteiras.

Os dias que se seguiram a este não foram nem mais nem menos importantes. O professor era como um administrador na escola (12). Sempre que queria falar aos alunos exprimia-se em português e o seu intérprete transmitia as suas palavras aos primeiros em changana.

A RUSGA Meus amigos me tinham falado do que eles chamavam «rusga» que posto em linguagem simples signifi-

ficava «caça aos novatos». A coisa era na verdade rusga. Nas dias da «rusga» os pastores sofriam grandemente. Era usualmente nas quintas-feiras, nesse dia não havia escola, mas desde que os alunos chegassem na escola o professor os dividia em grupos de pouco mais ou menos duas dezenas cada. Quando no dia anterior saíamos da escola ninguém suspeitava que no dia seguinte iríamos à caça de novos alunos (...).

ficava «caça aos novatos». A coisa era na verdade rusga. Nas dias da «rusga» os pastores sofriam grandemente. Era usualmente nas quintas-feiras, nesse dia não havia escola, mas desde que os alunos chegassem na escola o professor os dividia em grupos de pouco mais ou menos duas dezenas cada. Quando no dia anterior saíamos da escola ninguém suspeitava que no dia seguinte iríamos à caça de novos alunos (...).

Muitos dos rapazes que foram apanhados naquele dia foram severamente castigados pela palmatória. Alguns deles ficaram prisioneiros por uma semana ou em custódia à espera dos pais deles. Coitadas viúvas, algumas das mães, eram amedrontadas pela palmatória. Os pais que eram um pouco corajosos vinham e mesmo que fossem à Administração o administrador, que era mais razoável que o professor, lhes não batia, mas somente dizia que se a criança não era pastor tinha de vir à escola.

O dia seguinte foi de muito interesse para mim. Quis ver como havia de falar (o professor) a muitos dos pais (que na realidade eram mães, porque pais não ficavam em casa por terem ido para o Rand e outras razões que o sr. prof. bem sabe). Logo ao chegarmos à escola encontramos muitas mulheres. Uma traziam galinhas, outras «cuonas de bebidas» enquanto muito poucas traziam dinheiro. O caso deles foi tratado em privado. A nenhum aluno era permitido saber como muitos dos prisioneiros eram libertados. Coitadas dos que não tiveram ninguém para os vir libertar nesse dia. O professor deu-lhes trabalho durante toda a manhã em que estavam nas aulas. Não sei o que sucedeu de tarde, mas na manhã seguinte não estavam.

O professor daquela escola tinha o costume de escolher um grupo de

«wena», o intérprete transmitia. «Porque não vieste na escola sem que eu mande meus policiais?» dizia o professor. «Porque o seu pai não deixava vir na escola?» ou «Quem é seu pai?»... Diga-lhe que é chamado pelo «professor» aqui amanhã cedo. «Se ele não aparecer terá de ir responder na Administração!» e outras desta natureza.

PRISIONEIROSGUARDANDO O RESGATE

Muitos dos rapazes que foram apanhados naquele dia foram severamente castigados pela palmatória. Alguns deles ficaram prisioneiros por uma semana ou em custódia à espera dos pais deles. Coitadas viúvas, algumas das mães, eram amedrontadas pela palmatória. Os pais que eram um pouco corajosos vinham e mesmo que fossem à Administração o administrador, que era mais razoável que o professor, lhes não batia, mas somente dizia que se a criança não era pastor tinha de vir à escola.

O dia seguinte foi de muito interesse para mim. Quis ver como havia de falar (o professor) a muitos dos pais (que na realidade eram mães, porque pais não ficavam em casa por terem ido para o Rand e outras razões que o sr. prof. bem sabe). Logo ao chegarmos à escola encontramos muitas mulheres. Uma traziam galinhas, outras «cuonas de bebidas» enquanto muito poucas traziam dinheiro. O caso deles foi tratado em privado. A nenhum aluno era permitido saber como muitos dos prisioneiros eram libertados. Coitadas dos que não tiveram ninguém para os vir libertar nesse dia. O professor deu-lhes trabalho durante toda a manhã em que estavam nas aulas. Não sei o que sucedeu de tarde, mas na manhã seguinte não estavam.

O professor daquela escola tinha o costume de escolher um grupo de

«wena», o intérprete transmitia. «Porque não vieste na escola sem que eu mande meus policiais?» dizia o professor. «Porque o seu pai não deixava vir na escola?» ou «Quem é seu pai?»... Diga-lhe que é chamado pelo «professor» aqui amanhã cedo. «Se ele não aparecer terá de ir responder na Administração!» e outras desta natureza.

PRISIONEIROSGUARDANDO O RESGATE

Muitos dos rapazes que foram apanhados naquele dia foram severamente castigados pela palmatória. Alguns deles ficaram prisioneiros por uma semana ou em custódia à espera dos pais deles. Coitadas viúvas, algumas das mães, eram amedrontadas pela palmatória. Os pais que eram um pouco corajosos vinham e mesmo que fossem à Administração o administrador, que era mais razoável que o professor, lhes não batia, mas somente dizia que se a criança não era pastor tinha de vir à escola.

O dia seguinte foi de muito interesse para mim. Quis ver como havia de falar (o professor) a muitos dos pais (que na realidade eram mães, porque pais não ficavam em casa por terem ido para o Rand e outras razões que o sr. prof. bem sabe). Logo ao chegarmos à escola encontramos muitas mulheres. Uma traziam galinhas, outras «cuonas de bebidas» enquanto muito poucas traziam dinheiro. O caso deles foi tratado em privado. A nenhum aluno era permitido saber como muitos dos prisioneiros eram libertados. Coitadas dos que não tiveram ninguém para os vir libertar nesse dia. O professor deu-lhes trabalho durante toda a manhã em que estavam nas aulas. Não sei o que sucedeu de tarde, mas na manhã seguinte não estavam.

O professor daquela escola tinha o costume de escolher um grupo de

«wena», o intérprete transmitia. «Porque não vieste na escola sem que eu mande meus policiais?» dizia o professor. «Porque o seu pai não deixava vir na escola?» ou «Quem é seu pai?»... Diga-lhe que é chamado pelo «professor» aqui amanhã cedo. «Se ele não aparecer terá de ir responder na Administração!» e outras desta natureza.

PRISIONEIROSGUARDANDO O RESGATE

Muitos dos rapazes que foram apanhados naquele dia foram severamente castigados pela palmatória. Alguns deles ficaram prisioneiros por uma semana ou em custódia à espera dos pais deles. Coitadas viúvas, algumas das mães, eram amedrontadas pela palmatória. Os pais que eram um pouco corajosos vinham e mesmo que fossem à Administração o administrador, que era mais razoável que o professor, lhes não batia, mas somente dizia que se a criança não era pastor tinha de vir à escola.

O dia seguinte foi de muito interesse para mim. Quis ver como havia de falar (o professor) a muitos dos pais (que na realidade eram mães, porque pais não ficavam em casa por terem ido para o Rand e outras razões que o sr. prof. bem sabe). Logo ao chegarmos à escola encontramos muitas mulheres. Uma traziam galinhas, outras «cuonas de bebidas» enquanto muito poucas traziam dinheiro. O caso deles foi tratado em privado. A nenhum aluno era permitido saber como muitos dos prisioneiros eram libertados. Coitadas dos que não tiveram ninguém para os vir libertar nesse dia. O professor deu-lhes trabalho durante toda a manhã em que estavam nas aulas. Não sei o que sucedeu de tarde, mas na manhã seguinte não estavam.

O professor daquela escola tinha o costume de escolher um grupo de

«wena», o intérprete transmitia. «Porque não vieste na escola sem que eu mande meus policiais?» dizia o professor. «Porque o seu pai não deixava vir na escola?» ou «Quem é seu pai?»... Diga-lhe que é chamado pelo «professor» aqui amanhã cedo. «Se ele não aparecer terá de ir responder na Administração!» e outras desta natureza.

PRISIONEIROSGUARDANDO O RESGATE

Muitos dos rapazes que foram apanhados naquele dia foram severamente castigados pela palmatória. Alguns deles ficaram prisioneiros por uma semana ou em custódia à espera dos pais deles. Coitadas viúvas, algumas das mães, eram amedrontadas pela palmatória. Os pais que eram um pouco corajosos vinham e mesmo que fossem à Administração o administrador, que era mais razoável que o professor, lhes não batia, mas somente dizia que se a criança não era pastor tinha de vir à escola.

O dia seguinte foi de muito interesse para mim. Quis ver como havia de falar (o professor) a muitos dos pais (que na realidade eram mães, porque pais não ficavam em casa por terem ido para o Rand e outras razões que o sr. prof. bem sabe). Logo ao chegarmos à escola encontramos muitas mulheres. Uma traziam galinhas, outras «cuonas de bebidas» enquanto muito poucas traziam dinheiro. O caso deles foi tratado em privado. A nenhum aluno era permitido saber como muitos dos prisioneiros eram libertados. Coitadas dos que não tiveram ninguém para os vir libertar nesse dia. O professor deu-lhes trabalho durante toda a manhã em que estavam nas aulas. Não sei o que sucedeu de tarde, mas na manhã seguinte não estavam.

O professor daquela escola tinha o costume de escolher um grupo de

«wena», o intérprete transmitia. «Porque não vieste na escola sem que eu mande meus policiais?» dizia o professor. «Porque o seu pai não deixava vir na escola?» ou «Quem é seu pai?»... Diga-lhe que é chamado pelo «professor» aqui amanhã cedo. «Se ele não aparecer terá de ir responder na Administração!» e outras desta natureza.

PRISIONEIROSGUARDANDO O RESGATE

Muitos dos rapazes que foram apanhados naquele dia foram severamente castigados pela palmatória. Alguns deles ficaram prisioneiros por uma semana ou em custódia à espera dos pais deles. Coitadas viúvas, algumas das mães, eram amedrontadas pela palmatória. Os pais que eram um pouco corajosos vinham e mesmo que fossem à Administração o administrador, que era mais razoável que o professor, lhes não batia, mas somente dizia que se a criança não era pastor tinha de vir à escola.

O dia seguinte foi de muito interesse para mim. Quis ver como havia de falar (o professor) a muitos dos pais (que na realidade eram mães, porque pais não ficavam em casa por terem ido para o Rand e outras razões que o sr. prof. bem sabe). Logo ao chegarmos à escola encontramos muitas mulheres. Uma traziam galinhas, outras «cuonas de bebidas» enquanto muito poucas traziam dinheiro. O caso deles foi tratado em privado. A nenhum aluno era permitido saber como muitos dos prisioneiros eram libertados. Coitadas dos que não tiveram ninguém para os vir libertar nesse dia. O professor deu-lhes trabalho durante toda a manhã em que estavam nas aulas. Não sei o que sucedeu de tarde, mas na manhã seguinte não estavam.

O professor daquela escola tinha o costume de escolher um grupo de

Quando lá cheguei, meus amigos já lá estavam. Meus amigos já se preparavam para ir buscar água ao poço, que ficava a pouco mais ou menos três quilômetros da escola. Deram-me uma lata (gogogo) (14) e lá fomos. Era a primeira vez na minha vida que ia buscar água a um poço como uma mulher. Senti-me muito envergonhado. Como eu fosse o mais pequeno de todos eles não encheram o meu «gogogo».

Quando lá cheguei, a quantidade da água que tinha no «gogogo» era muito pouca. Meus amigos se encontravam em fila em frente do ajudante do professor que inspecionava a água. Fui-me juntar a eles. O ajudante ficou muito ofendido por ver a pouca água que eu trazia. Quis bater-me mas não estava certo se o professor o vinha castigar por tal passo. Decidiu queixar-se de mim ao professor, porque não estava em casa naquela hora.

À noiteinha, à volta do professor, o ajudante levou-me ao professor e apresentou o meu caso.

O professor ralhou comigo e me prometeu castigar severamente se eu não obedecesse às ordens dele. Disse-me que ali não era em Machecohamu, onde eu era respeitado, mas sim na escola onde o chefe era o professor. Tentei explicar a razão por que é que trouxe tão pouca água, mas em vão. Felizmente não me bateram.

Aqui encontrei uma nova lição: não era necessário pensar na minha posição social quando quisesse continuar os meus estudos. Havia lugares onde não me consideravam, essa semana deu-me um bom tempo para aprender uma coisa de que me lembro e me hei-de lembrar toda a minha vida. Em casa era «eu» e minhas irmãs; na escola haviam meus amigos e o professor. Eu dependia da cooperação com meus amigos.

Será que este escrito de 1946 não tem que ver com as tentativas de unidade de 1958? Com a concretização dessa unidade em 1962? Será que esta escola onde tão pouco tempo esteve lhe ensinou menos, sobre as diferenças de classe, a opressão e aparelho colonial do que as Universidades onde tanto tempo andou depois? Não teria sido essa escola a ensinar-lhe, a ele chefe, o que era tribalismo? As respostas parecem-nos todas dadas com a maior clareza, na simplicidade, na ausência de ódios, na apenas constatar destas suas tão profundas experiências de criança.

Quando cheguei, a quantidade da água que tinha no «gogogo» era muito pouca. Meus amigos se encontravam em fila em frente do ajudante do professor que inspecionava a água. Fui-me juntar a eles. O ajudante ficou muito ofendido por ver a pouca água que eu trazia. Quis bater-me mas não estava certo se o professor o vinha castigar por tal passo. Decidiu queixar-se de mim ao professor, porque não estava em casa naquela hora.

À noiteinha, à volta do professor, o ajudante levou-me ao professor e apresentou o meu caso.

O professor ralhou comigo e me prometeu castigar severamente se eu não obedecesse às ordens dele. Disse-me que ali não era em Machecohamu, onde eu era respeitado, mas sim na escola onde o chefe era o professor. Tentei explicar a razão por que é que trouxe tão pouca água, mas em vão. Felizmente não me bateram.

Aqui encontrei uma nova lição: não era necessário pensar na minha posição social quando quisesse continuar os meus estudos. Havia lugares onde não me consideravam, essa semana deu-me um bom tempo para aprender uma coisa de que me lembro e me hei-de lembrar toda a minha vida. Em casa era «eu» e minhas irmãs; na escola haviam meus amigos e o professor. Eu dependia da cooperação com meus amigos.

Será que este escrito de 1946 não tem que ver com as tentativas de unidade de 1958? Com a concretização dessa unidade em 1962? Será que esta escola onde tão pouco tempo esteve lhe ensinou menos, sobre as diferenças de classe, a opressão e aparelho colonial do que as Universidades onde tanto tempo andou depois? Não teria sido essa escola a ensinar-lhe, a ele chefe, o que era tribalismo? As respostas parecem-nos todas dadas com a maior clareza, na simplicidade, na ausência de ódios, na apenas constatar destas suas tão profundas experiências de criança.

Quando lá cheguei, meus amigos já lá estavam. Meus amigos já se preparavam para ir buscar água ao poço, que ficava a pouco mais ou menos três quilômetros da escola. Deram-me uma lata (gogogo) (14) e lá fomos. Era a primeira vez na minha vida que ia buscar água a um poço como uma mulher. Senti-me muito envergonhado. Como eu fosse o mais pequeno de todos eles não encheram o meu «gogogo».

Quando lá cheguei, a quantidade da água que tinha no «gogogo» era muito pouca. Meus amigos se encontravam em fila em frente do ajudante do professor que inspecionava a água. Fui-me juntar a eles. O ajudante ficou muito ofendido por ver a pouca água que eu trazia. Quis bater-me mas não estava certo se o professor o vinha castigar por tal passo. Decidiu queixar-se de mim ao professor, porque não estava em casa naquela hora.

À noiteinha, à volta do professor, o ajudante levou-me ao professor e apresentou o meu caso.

O professor ralhou comigo e me prometeu castigar severamente se eu não obedecesse às ordens dele. Disse-me que ali não era em Machecohamu, onde eu era respeitado, mas sim na escola onde o chefe era o professor. Tentei explicar a razão por que é que trouxe tão pouca água, mas em vão. Felizmente não me bateram.

Aqui encontrei uma nova lição: não era necessário pensar na minha posição social quando quisesse continuar os meus estudos. Havia lugares onde não me consideravam, essa semana deu-me um bom tempo para aprender uma coisa de que me lembro e me hei-de lembrar toda a minha vida. Em casa era «eu» e minhas irmãs; na escola haviam meus amigos e o professor. Eu dependia da cooperação com meus amigos.

Será que este escrito de 1946 não tem que ver com as tentativas de unidade de 1958? Com a concretização dessa unidade em 1962? Será que esta escola onde tão pouco tempo esteve lhe ensinou menos, sobre as diferenças de classe, a opressão e aparelho colonial do que as Universidades onde tanto tempo andou depois? Não teria sido essa escola a ensinar-lhe, a ele chefe, o que era tribalismo? As respostas parecem-nos todas dadas com a maior clareza, na simplicidade, na ausência de ódios, na apenas constatar destas suas tão profundas experiências de criança.

Quando cheguei, a quantidade da água que tinha no «gogogo» era muito pouca. Meus amigos se encontravam em fila em frente do ajudante do professor que inspecionava a água. Fui-me juntar a eles. O ajudante ficou muito ofendido por ver a pouca água que eu trazia. Quis bater-me mas não estava certo se o professor o vinha castigar por tal passo. Decidiu queixar-se de mim ao professor, porque não estava em casa naquela hora.

À noiteinha, à volta do professor, o ajudante levou-me ao professor e apresentou o meu caso.

O professor ralhou comigo e me prometeu castigar severamente se eu não obedecesse às ordens dele. Disse-me que ali não era em Machecohamu, onde eu era respeitado, mas sim na escola onde o chefe era o professor. Tentei explicar a razão por que é que trouxe tão pouca água, mas em vão. Felizmente não me bateram.

Aqui encontrei uma nova lição: não era necessário pensar na minha posição social quando quisesse continuar os meus estudos. Havia lugares onde não me consideravam, essa semana deu-me um bom tempo para aprender uma coisa de que me lembro e me hei-de lembrar toda a minha vida. Em casa era «eu» e minhas irmãs; na escola haviam meus amigos e o professor. Eu dependia da cooperação com meus amigos.

Será que este escrito de 1946 não tem que ver com as tentativas de unidade de 1958? Com a concretização dessa unidade em 1962? Será que esta escola onde tão pouco tempo esteve lhe ensinou menos, sobre as diferenças de classe, a opressão e aparelho colonial do que as Universidades onde tanto tempo andou depois? Não teria sido essa escola a ensinar-lhe, a ele chefe, o que era tribalismo? As respostas parecem-nos todas dadas com a maior clareza, na simplicidade, na ausência de ódios, na apenas constatar destas suas tão profundas experiências de criança.

Quando cheguei, a quantidade da água que tinha no «gogogo» era muito pouca. Meus amigos se encontravam em fila em frente do ajudante do professor que inspecionava a água. Fui-me juntar a eles. O ajudante ficou muito ofendido por ver a pouca água que eu trazia. Quis bater-me mas não estava certo se o professor o vinha castigar por tal passo. Decidiu queixar-se de mim ao professor, porque não estava em casa naquela hora.

À noiteinha, à volta do professor, o ajudante levou-me ao professor e apresentou o meu caso.

O professor ralhou comigo e me prometeu castigar severamente se eu não obedecesse às ordens dele. Disse-me que ali não era em Machecohamu, onde eu era respeitado, mas sim na escola onde o chefe era o professor. Tentei explicar a razão por que é que trouxe tão pouca água, mas em vão. Felizmente não me bateram.

Aqui encontrei uma nova lição: não era necessário pensar na minha posição social quando quisesse continuar os meus estudos. Havia lugares onde não me consideravam, essa semana deu-me um bom tempo para aprender uma coisa de que me lembro e me hei-de lembrar toda a minha vida. Em casa era «eu» e minhas irmãs; na escola haviam meus amigos e o professor. Eu dependia da cooperação com meus amigos.

Será que este escrito de 1946 não tem que ver com as tentativas de unidade de 1958? Com a concretização dessa unidade em 1962? Será que esta escola onde tão pouco tempo esteve lhe ensinou menos, sobre as diferenças de classe, a opressão e aparelho colonial do que as Universidades onde tanto tempo andou depois? Não teria sido essa escola a ensinar-lhe, a ele chefe, o que era tribalismo? As respostas parecem-nos todas dadas com a maior clareza, na simplicidade, na ausência de ódios, na apenas constatar destas suas tão profundas experiências de criança.

Quando cheguei, a quantidade da água que tinha no «gogogo» era muito pouca. Meus amigos se encontravam em fila em frente do ajudante do professor que inspecionava a água. Fui-me juntar a eles. O ajudante ficou muito ofendido por ver a pouca água que eu trazia. Quis bater-me mas não estava certo se o professor o vinha castigar por tal passo. Decidiu queixar-se de mim ao professor, porque não estava em casa naquela hora.

À noiteinha, à volta do professor, o ajudante levou-me ao professor e apresentou o meu caso.

O professor ralhou comigo e me prometeu castigar severamente se eu não obedecesse às ordens dele. Disse-me que ali não era em Machecohamu, onde eu era respeitado, mas sim na escola onde o chefe era o professor. Tentei explicar a razão por que é que trouxe tão pouca água, mas em vão. Felizmente não me bateram.

Aqui encontrei uma nova lição: não era necessário pensar na minha posição social quando quisesse continuar os meus estudos. Havia lugares onde não me consideravam, essa semana deu-me um bom tempo para aprender uma coisa de que me lembro e me hei-de lembrar toda a minha vida. Em casa era «eu» e minhas irmãs; na escola haviam meus amigos e o professor. Eu dependia da cooperação com meus amigos.

Será que este escrito de 1946 não tem que ver com as tentativas de unidade de 1958? Com a concretização dessa unidade em 1962? Será que esta escola onde tão pouco tempo esteve lhe ensinou menos, sobre as diferenças de classe, a opressão e aparelho colonial do que as Universidades onde tanto tempo andou depois? Não teria sido essa escola a ensinar-lhe, a ele chefe, o que era tribalismo? As respostas parecem-nos todas dadas com a maior clareza, na simplicidade, na ausência de ódios, na apenas constatar destas suas tão profundas experiências de criança.

Quando cheguei, a quantidade da água que tinha no «gogogo» era muito pouca. Meus amigos se encontravam em fila em frente do ajudante do professor que inspecionava a água. Fui-me juntar a eles. O ajudante ficou muito ofendido por ver a pouca água que eu trazia. Quis bater-me mas não estava certo se o professor o vinha castigar por tal passo. Decidiu queixar-se de mim ao professor, porque não estava em casa naquela hora.

À noiteinha, à volta do professor, o ajudante levou-me ao professor e apresentou o meu caso.

O professor ralhou comigo e me prometeu castigar severamente se eu não obedecesse às ordens dele. Disse-me que ali não era em Machecohamu, onde eu era respeitado, mas sim na escola onde o chefe era o professor. Tentei explicar a razão por que é que trouxe tão pouca água, mas em vão. Felizmente não me bateram.

Aqui encontrei uma nova lição: não era necessário pensar na minha posição social quando quisesse continuar os meus estudos. Havia lugares onde não me consideravam, essa semana deu-me um bom tempo para aprender uma coisa de que me lembro e me hei-de lembrar toda a minha vida. Em casa era «eu» e minhas irmãs; na escola haviam meus amigos e o professor. Eu dependia da cooperação com meus amigos.

Será que este escrito de 1946 não tem que ver com as tentativas de unidade de 1958? Com a concretização dessa unidade em 1962? Será que esta escola onde tão pouco tempo esteve lhe ensinou menos, sobre as diferenças de classe, a opressão e aparelho colonial do que as Universidades onde tanto tempo andou depois? Não teria sido essa escola a ensinar-lhe, a ele chefe, o que era tribalismo? As respostas parecem-nos todas dadas com a maior clareza, na simplicidade, na ausência de ódios, na apenas constatar destas suas tão profundas experiências de criança.

Quando cheguei, a quantidade da água que tinha no «gogogo» era muito pouca. Meus amigos se encontravam em fila em frente do ajudante do professor que inspecionava a água. Fui-me juntar a eles. O ajudante ficou muito ofendido por ver a pouca água que eu trazia. Quis bater-me mas não estava certo se o professor o vinha castigar por tal passo. Decidiu queixar-se de mim ao professor, porque não estava em casa naquela hora.

À noiteinha, à volta do professor, o ajudante levou-me ao professor e apresentou o meu caso.

O professor ralhou comigo e me prometeu castigar severamente se eu não obedecesse às ordens dele. Disse-me que ali não era em Machecohamu, onde eu era respeitado, mas sim na escola onde o chefe era o professor. Tentei explicar a razão por que é que trouxe tão pouca água, mas em vão. Felizmente não me bateram.



meiro entre os heróis moçambicanos: Eduardo Mondlane.

São palavras de Mário de Andrade, em entrevista publicada a semana passada pelo Diário de Moçambique, e a propósito do movimento de reafirmação dos estudantes das antigas colónias portuguesas na Europa, nos anos 50: — Mondlane... ele não era um intelectual do nosso tipo. Africano já ele era. Não passou pelas escolas assimilacionistas portuguesas. Mondlane viveu menos essa necessidade de reafirmação. Aconteceu historicamente. Mondlane estava predestinado para dirigir.

A justiça destas palavras é confirmada por oito cartas de Mondlane que o investigador português Ilídio Rocha publicou com comentários na revista portuguesa «História».

As cartas reportam-se à infância de Eduardo Mondlane, mas foram escritas quando ele tinha 26 anos. Estava nessa altura em Lausana, na Suíça, para onde tinha ido recompor-se de um esgotamento, antes de retomar os seus estudos.

Como filhos do chefe (chefe regente) é natural que se considerassem príncipes. Uma coisa sobre eles é que não trabalhavam muito em pequenos. Entre nós, qualquer trabalho pesado em casa

cinco filhos, sendo três meninas